

Processo de criação e experimentação em quadrinhos poético-filosóficos

Creation and experimentation process in poetic-philosophical comics

Isaac Newton Dantas da Costa Luz^{[*][**]} - isaacnluz@gmail.com
Alberto Ricardo Pessoa^[*] - albertoricardopessoa@gmail.com

RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado Trevalias: processo criativo e experimentações em quadrinhos (Luz, 2025), desenvolvida no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. Tendo como objetivo ampliar as discussões sobre o processo criativo e suas características singulares, na produção de quadrinhos poético-filosóficos para redes sociais. Na primeira parte, busca-se entender o que são quadrinhos poético-filosóficos e como eles se diferenciam das demais produções. Na segunda parte, utilizando a crítica dos processos (Salles, 2019), verifica-se como é feita a produção e discussão da adaptação narrativa e estrutural para a postagem na rede social do Instagram. Conclui-se que o processo criativo é um conglomerado de experiências individuais e coletivas, afetivas e técnicas, selecionadas e descartadas pelo artista, que mesmo sob condições semelhantes ou não, consegue produzir respostas e soluções diferentes a partir de sua visão de mundo.

Palavras-chave: história em quadrinhos; quadrinhos poético-filosóficos. crítica genética.

ABSTRACT

This article is an excerpt from the master's research Trevalias: creative process and experimentation in comics (Luz, 2025), developed in the Associated Graduate Program in Visual Arts UFPB/UFPE. Its objective is to expand discussions on the creative process and its unique characteristics, in the production of poetic-philosophical comics for social networks. In the first part, we seek to understand what poetic-philosophical comics are and how they differ from other productions. In the second part, using process criticism (Salles, 2019), we verify how the production and discussion of the narrative and structural adaptation for posting on the social network Instagram is done. We conclude that the creative process is a conglomerate of individual and collective, affective and technical experiences, selected and discarded by the artist, who even under similar or different conditions, manages to produce different responses and solutions based on his or her worldview.

Keywords: comic books; poetic-philosophical comics; genetic criticism; creative process.

[*] Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Campus I – Lot. Cidade Universitária – João Pessoa (PB). CEP: 58051-900.

[**] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Av. Prof. Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária – Recife (PE). CEP: 50670-901.

Introdução

Quando pensamos em quadrinhos somos imediatamente transportados para a infância, onde geralmente a maioria de nós teve o primeiro contato com esta forma de narrativa. Seja pelos pais ou mesmo no sistema escolar, através de um irmão ou nas bancas de revistas, os quadrinhos chamam atenção pelas suas características de cores vibrantes e desenhos de grande expressividade.

Combinando linguagem verbal e não verbal, os quadrinhos se encontram em uma zona de fronteira com outras artes, onde criam uma linguagem própria de expressão artística. Segundo Paulo Ramos (2009, p. 17),

É muito comum alguém ver nas histórias em quadrinhos uma forma de literatura. Adaptações em quadrinhos de clássicos literários - como ocorreu com A relíquia, de Eça de Queirós, e O alienista, de Machado de Assis, para ficar em dois exemplos - ajudam a reforçar esse olhar. Chamar quadrinhos de literatura, a nosso ver, nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (caso da literatura, inclusive a infantil) como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio universitário.

Conclui o autor que “quadrinhos são quadrinhos. (...) gozam de uma linguagem autônoma, que usa de mecanismos próprios para representar os elementos narrativos” (Ramos, 2009, p. 17).

Assim como toda forma de expressão artística, os quadrinhos também passaram por uma metamorfose ao longo da sua história. Com o desenvolvimento das tecnologias, agora marcadas pela utilização de *softwares* cada vez mais especializados, as etapas de produção e a possibilidade de fusão de técnicas impulsionaram novas formas de pensar os quadrinhos. Uma dessas formas ficou conhecida no Brasil pelo seu caráter de experimentação na estrutura narrativa, e também, nas temáticas envolvidas, sendo conhecidas como produções do gênero poético-filosófico, fantástico-filosófico ou até mesmo quadrinhos poéticos.

A produção de quadrinhos no Brasil obteve muita influência do quadrinho internacional, principalmente o europeu, mas, já despontava com características nitidamente brasileiras. Neste contexto,

Os quadrinhos brasileiros são ricos em seu universo criativo. Dos quadrinhos infantis, tão

difundidos, ao terror, do humor debochado aos super-heróis. Desta forma, tem surgido já há alguns anos um gênero de quadrinhos que não encontra espaço para publicação que nos fanzines e revistas alternativas ou independentes: são os quadrinhos esotéricos, ou filosóficos, ou poéticos, tão bem representados pelo trabalho de Flávio Calazans, Gazy Andraus, Edgar Franco, Joacy Jamys e tantos outros. Com a revista Tyli-Tyli (dedicada à personagem homônima de Calazans) estamos criando um espaço onde todos estes novos autores poderão dar vazão a seus quadrinhos reflexivos. (Magalhães apud Santos Neto, 2012, p. 80).

Os quadrinhos poéticos têm como princípio a expressão subjetiva de cada autor, que tem em vista produzir reflexões, questionamentos e inquietações diferenciadas do senso comum. São chamados, dessa forma, por procurarem dar uma dimensão mais pessoal, impressionista do que o rigor estabelecido pela filosofia.

Edgard Guimarães (2001, p. 17) utiliza a expressão quadrinhos poéticos para se referir também a uma “mistura” de quadrinhos e poesia. Gazy Andraus, em entrevista cedida para Elydio dos Santos Neto (-2013), vai chamá-los de quadrinhos fantástico-filosóficos, acreditando que este termo cunha melhor o caráter de fantasia, mas, ao mesmo tempo, de seriedade, no apelo pelas temáticas da espiritualidade e da busca pela sabedoria.

Edgar Franco (1997) utiliza pela primeira vez a expressão poético-filosófico para se referir aos quadrinhos desta linha, verificando que muitos quadrinistas também apresentavam trabalhos com ideias filosóficas, onde buscavam a reflexão sobre alguma questão existencial, inclusive citando poetas e filósofos. Contudo, ressalta dois aspectos que servem de base para essa definição, sendo eles: a) a intencionalidade filosófica ou reflexiva e também poética; e b) a diferenciação na abordagem da linguagem quadrinística, na quebra da linearidade narrativa e no experimentalismo do traço e do enquadramento.

Gazy Andraus ainda destaca uma terceira característica: as histórias apresentadas tendem a ser curtas, com uma leitura menos tradicional e produzidas em poucas páginas. Conclui-se que:

(...) histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provo-

cação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos requadros. (Santos Neto, 2012, p. 89-90).

A partir dessa base histórica e conceitual sobre os quadrinhos poético-filosóficos, podemos pensar a produção de quadrinhos na contemporaneidade, para além da folha, da impressão e da divulgação de quadrinhos no meio digital não é uma novidade. Mas, com a integração das redes sociais, tais como o Instagram, criou-se um novo meio de experimentação vinculado à plataforma midiática, que estabelece em si mesma características próprias e mutáveis.

Desdobramentos da produção autoral na rede social

A rede social do Instagram, lançada em 2010, tem se transformado ao longo dos anos adquirindo um caráter mais comercial e diversificado, impulsionado pelas marcas e empresas de serviços. Em sua concepção inicial era uma rede social apenas para postar fotos, com poucas ferramentas de edição e filtros. Mas, com os avanços tecnológicos, teve seu conteúdo expandido para vídeos, stories, lives, anúncios, conteúdos de marcas, IGTV (a tv da própria plataforma, para vídeos longos). E seus sistemas de publicação e edição de conteúdo se expandem cada vez mais num sistema de carrosséis para fotos e vídeos, novos formatos para além do “formato quadrado” conhecido, entre outros.

Segundo Scott McCloud (2004), “quadrinhos e computadores são perfeitos um para o outro. Pela primeira vez, temos um meio perfeitamente adequado às necessidades dos quadrinhos como forma de arte popular” (p. 28). McCloud não poderia prever o quão fácil chegaria a ser a divulgação dos quadrinhos através da internet, não dependendo mais de editoras físicas — que ainda existentes, ao contrário do que se pensava que a internet ou a era digital acabariam com a primazia da impressão em papel.

A internet permitiu a ascensão de diversos artistas fora do círculo de autores já conhecidos, e produzir para uma plataforma que continua a se reinventar a cada ano, gera algumas limitações que influenciam na forma final dos quadrinhos produzidos (Almeida, 2024). Neste conjunto de categorias especiais podemos ressaltar: a) a quantidade de páginas ou fotos por pos-

tagem; b) enquadramento e o formato do quadrinho; c) leitura visual; d) recursos de legenda; e) recursos da plataforma (animação, trilha sonora, filtros, divulgação etc.); e, por fim, f) recursos exteriores de edição.

A experiência de produzir nestes moldes se equipara a produção de tirinhas, onde a narrativa curta (ou feitas em atos que podem continuar em outras tirinhas), o uso de uma linguagem mais direta com apelo para as onomatopeias e o humor, podem ser lidas e entendidas facilmente. Isto se relaciona bem com a velocidade que leitores consomem conteúdos na internet.

Os quadrinhos produzidos tendem a deixar um espaço de tempo e ação mais largos entre um quadro e outro, saindo da ideia quadro-a-quadro de uma sequência cinematográfica. De fato, quadrinhos e cinema têm muito em comum, e os quadrinhos conseguiram expandir conceitos presentes no cinema, como o uso de planos, ângulos, deixando-os cada vez mais complexos e cinematográficos. Segundo Alan Moore (2003, p. 2),

Quadrinhos são descritos em termos de cinema e, com efeito, muito do vocabulário que emprego todo o dia nas descrições das cenas para qualquer artista provém inteiramente do cinema. Falo em termos de close-ups, long-shots, zooms e panorâmicas; é uma útil linguagem convencional de instruções visuais precisas, mas ela também nos leva a definir os valores quadrinhísticos como sendo virtualmente indistinguíveis dos valores cinematográficos.

A seguir, o exemplo do quadrinho “Aparição” (2023), na figura 01, encontramos a imagem de uma entidade idealizada a partir de uma experiência sobrenatural que aconteceu na casa da minha avó materna. Na figura 02, apresento o planejamento da estrutura narrativa em pequenos quadrados que se assemelham ao modo de visualização no Instagram. As experiências sobrenaturais são temas recorrentes nas minhas produções, pensar sobre a existência, a morte, o medo e o vazio, é algo que nos mantém vivos e reflexivos a respeito da vida em geral. Ressalto a importância desses fragmentos que tecem a rede de criação e o processo crítico apontado por Cecília Salles (2018, p.46) que diz,

(...) conhecer os procedimentos criativos envolve, sob esse ponto de vista, a compreensão do modo como os processos culturais se cruzam e interagem nos processos criativos: como esses índices culturais passam a pertencer às obras em construção.



Figura 1.

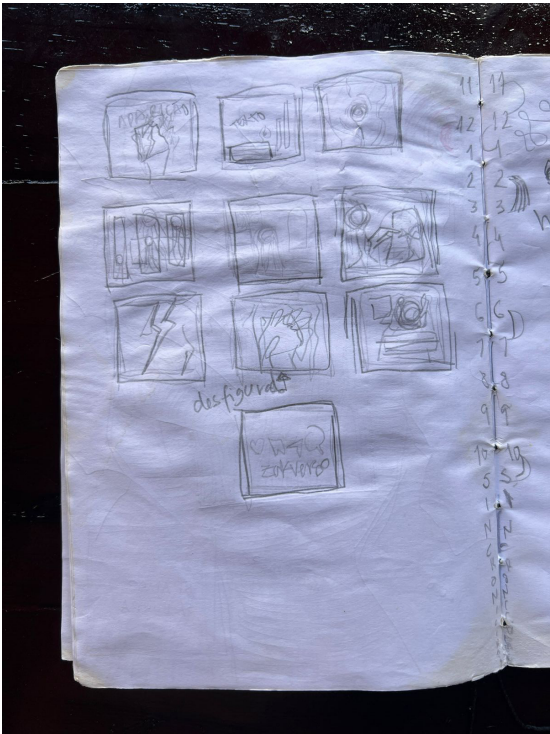


Figura 2.



Figura 3.

Tais temas conversam com a proposta dos quadrinhos poético-filosóficos, a partir do momento em que as experiências e vivências pessoais buscam fazer sentido com a vida que vivemos. E expressá-las por meio da linguagem dos quadrinhos é uma escolha, uma solução para discutir esses aspectos.

No exemplo citado acima, pode-se ver o tradicional uso da estrutura do quadro-a-quadro das histórias em quadrinhos. Um variado uso do aspecto de requadro, linha que define o quadro onde acontece a ação, e da sarjeta, espaço branco entre os quadros, procurando brincar com essas estruturas.

O recurso de “deslizar para o lado” da postagem em carrossel cria um efeito de tensão e ansiedade para o que seria “a próxima página” do quadrinho, sendo comparável ao “virar a folha” das edições impressas. Isto permite que as imagens postadas tenham uma leitura visual particular, mas conectada com a anterior.

A ausência de legendas nos quadrinhos é uma decisão consciente. Para reforçar o aspecto poético-filosófico e para capturar a atenção de uma geração que é atraída mais por imagens do que textos. Cria-se, assim, um campo de experimentação de leitura visual

do leitor que tenta entender o que se passa, que também se mistura com as suas próprias vivências.

Essa dinâmica interpretativa pode ser encontrada nos quadrinhos produzidos como, “O Eremita!” e “Não Faz Sentido”, onde o leitor pode identificar e levantar elementos marcantes que chamam atenção, analisar as emoções e intenções que surgem, conectar com conhecimentos prévios, questionar e refletir. Desta forma, permite que ele crie a própria narrativa dos fatos que se desenrolam ao deslizar das imagens.

Considerações finais sobre o processo

Ressalto que os quadrinhos apresentados neste artigo tem a temática e um caráter experimental que inclui minha produção autoral no gênero poético-filosófico. Como um artista que viveu a era pré-tecnológica da internet e das redes sociais, a cada nova revolução tecnológica passo a adaptar-me às novas formas de produzir, editar e divulgar a produção artística autoral, aprendendo um variado conjunto de habilidades que não estavam na minha formação inicial.

1 – Pode ser vista no link: <https://www.instagram.com/p/Csv3ckALmKz/>

2 – Pode ser vista no link: <https://www.instagram.com/p/CzUqzBWrF4B/>

Em consequência disso, a obra também se modifica, e temos os quadrinhos animados, próximos à animação; quadrinhos abstratos, inspirados nos movimentos artísticos da pintura; quadrinhos poético-filosóficos, cruzando poesia e filosofia; entre muitos outros, criando mutações daquilo que conhecemos como quadrinhos.

Com isso, procurar manter uma estrutura tradicional e endurecida do que são histórias em quadrinhos, pode ser fatal para o seu desenvolvimento. A integração de mídias e as concentrações de empresas na produção da cultura produzem uma convergência no campo digital que reorganizam os modos de acesso, produção e formas de comunicação (Garcia Canclini, 2008, p. 33-34).

A forma com que apresento este processo criativo, é a visão de um único artista e suas particularidades, vivências e formações, mas também, retratam a forma que os artistas da contemporaneidade interagem com as novas tecnologias e plataformas, criando novas formas de produzir quadrinhos.

Referências

- ALMEIDA, M. A. de. 2024. O Instagram como suporte para publicação de quadrinhos: vantagens e desvantagens da publicação em uma rede social. *9ª Arte*. São Paulo: 1-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/219286> Acesso em: 22 de jan. 2024.
- FRANCO, E. S. 1997. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) *As histórias em quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática*. São Paulo, Intercom/Unesp/Proex, p. 51-65.
- GARCIA CANCLINI, N. 2008. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras.
- GUIMARÃES, E. 2001. Reflexões sobre quadrinhos poéticos. *Revista Mandala*, nº 13, junho de 2001, João Pessoa, Marca de Fantasia: 17-18.
- LUZ, I. N. D. da Costa. 2025. *Trevalias: processo criativo e experimentações em quadrinhos*. João Pessoa, PB. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais UFPB/UFPE, 61 p.
- McCLOUD, S. 2004. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo, Makron Books.
- MOORE, A. 2003. *Writing for comics*. Illinois, Avatar Press.
- RAMOS, P. 2009. *A leitura dos quadrinhos*. Coleção Linguagem & Ensino. São Paulo, Editora Contexto.
- SALLES, C. A. 2018. *Redes da criação: a construção da obra de arte*. 2. ed. São Paulo, Horizonte.
- SANTOS NETO, E. 2012. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. *Visualidades*, v. 7, n. 1, 2012. Goiânia. DOI: 10.5216/vis.v7i1.18120. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18120>. Acesso em: 12 fev. 2024.